

O escritório que quis automatizar tudo. Este foi o plano, do mais básico ao mais avançado.

Sérgio Longo 7 de julho de 2026 ⌚ 5 min de leitura

Um escritório de porte médio nos procurou com um pedido que eu ouço cada vez mais: "queremos automatizar o máximo possível". A equipe estava afogada, não em trabalho jurídico de verdade, mas naquele mar de tarefas chatas que consome o dia e não deixa ninguém pensar. A pergunta deles era direta: por onde a gente começa?

A resposta que dei talvez decepcione quem sonha com o botão mágico. Não se automatiza tudo de uma vez, e não se começa pelo mais sofisticado. Começa-se pelo mais chato e mais barato de resolver. Montamos, então, um plano em camadas, da automação mais básica à mais elaborada. Cada camada só entra depois que a anterior está rodando com segurança. E duas regras valem para todas: nada de dado sensível de cliente jogado em qualquer ferramenta, e nenhuma peça sai sem revisão humana antes de levar o nome de alguém.

Eis o plano:

Camada 1: parar de perder tempo com o arquivo

O primeiro nível é o mais bruto e o de retorno mais rápido: organização. A IA renomeia, classifica e indexa os documentos, aplica OCR no que veio digitalizado e monta a pasta do caso do jeito que o escritório definiu. Ninguém mais caça um documento por vinte minutos. É a automação menos intelectual que existe, e por isso mesmo a primeira.

Camada 2: transformar o volume em dossiê

Resolvida a bagunça, atacamos o volume. Processos de centenas de páginas e contratos extensos passam a virar um resumo estruturado: partes, fatos, pedidos, decisões, datas e prazos. O que antes era uma tarde inteira de leitura vira minutos de conferência. Aqui já entrou também a linha do tempo do caso, montada automaticamente a partir dos documentos.

Camada 3: nunca mais um prazo de surpresa

A terceira camada mira o pesadelo de todo advogado: prazo. A ferramenta lê as intimações, identifica e calcula os prazos e alimenta a agenda, disparando alertas. Foi a única camada em que insisti numa trava dupla: por ser irreversível perder prazo, a validação humana no fim não

é opcional. A IA adianta, a pessoa confirma.

Camada 4: o rascunho já vem pronto

Com a casa organizada, entramos na produção. Peças repetitivas e de massa (notificações, procurações, declarações, cobranças, contestações padrão) passam a nascer como primeira minuta, a partir dos modelos do próprio escritório. E aqui desfizemos um medo comum: o de que sairia tudo com uma cara genérica, sem a voz de quem assina. A IA foi treinada no acervo do próprio escritório, aprendeu o estilo, o vocabulário e a estrutura das peças de cada advogado, e passou a redigir já nesse tom. A minuta chega com a cara da casa, não com a de um robô. O advogado deixa de escrever do zero e passa a revisar, ajustar e assinar. Entrou junto a comparação de versões de contratos, com as cláusulas divergentes ou ausentes já marcadas.

Camada 5: o cliente bem informado sem consumir o dia

A quinta camada cuidou da comunicação de rotina. Atualizações de status, respostas a dúvidas frequentes, confirmações de agendamento e follow-ups passam a ser rascunhados pela IA, com o advogado aprovando o tom antes de enviar. O cliente sente que é acompanhado de perto, e ninguém gasta a manhã respondendo a mesma pergunta pela décima vez.

Camada 6: reuniões e audiências que viram texto sozinhas

Depois, as reuniões e audiências. Áudio vira transcrição, e transcrição vira uma ata enxuta, com pendências e próximos passos. O que se decidiu deixa de se perder na memória de quem estava na sala.

Camada 7: pesquisa organizada, com desconfiança embutida

A pesquisa de jurisprudência e legislação entrou de propósito mais para cima, e não no topo. A IA reúne e organiza o material de apoio muito mais rápido, mas com uma regra inegociável que virou parte do processo: todo julgado citado é conferido na fonte, um a um. Automação aqui é para levantar e organizar, não para confiar de olhos fechados. Jurisprudência inventada não entra.

Camada 8: o escritório que se enxerga

A camada mais elaborada não é uma peça, é gestão. Relatórios, controle de horas, indicadores de produtividade e apoio ao faturamento passam a se alimentar sozinhos. O escritório começa a se enxergar por dados, e não por achismo, e o sócio finalmente sabe para onde o tempo está

indo.

O que ficou de fora do plano, de propósito

Repare no que não automatizamos. A definição da tese, a estratégia do caso, a análise de risco e a recomendação ao cliente, a negociação, a sustentação na audiência e a assinatura com responsabilidade final continuaram inteiras nas mãos dos advogados. Esse é o desenho de sempre: a IA assume o braço, a cabeça permanece humana. O plano libertou horas exatamente para que a equipe pudesse gastar mais tempo justamente aí, no que só ela pode fazer.

E não é um movimento isolado. Quase metade dos escritórios mais admirados do país já usa IA internamente, e a própria OAB lançou, em junho, um plano nacional para orientar esse uso. A pergunta deixou de ser "se", e virou "em que ordem".

Foi essa a lição que ficou para o escritório, e que vale para o seu: automação não é sobre comprar a ferramenta mais avançada. É sobre método e ordem. Comece pelo mais chato e mais barato, prove o valor, e só então suba a régua. O básico bem feito devolve mais horas do que o sofisticado mal implantado.